

Crenças e atitudes linguísticas de paraenses e cearenses no Pará

Jany Éric Queirós Ferreiraⁱ

Vanderci de Andrade Aguileraⁱⁱ

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo divulgar e discutir parte dos resultados da tese de Ferreira (2019), intitulada *Crenças e atitudes linguísticas de paraenses e cearenses na região nordeste do Pará: um estudo sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas*, no que tange às atitudes linguísticas manifestadas por falantes de cinco localidades paraenses. Trata-se de um trabalho resultante de pesquisa de campo que investigou tanto falantes nativos da localidade (topoestáticos) como aqueles procedentes do Estado do Ceará (topodinâmicos). Foram considerados para análise os dados de três questões referentes às crenças e atitudes dos falantes sobre a própria variedade de fala e sobre a fala do outro. Os resultados apontaram poucas diferenças nas atitudes de ambos os grupos, não indicando evidentes marcas de preconceito ou de desprestígio em relação à fala local.

Palavras-chave: Crenças e atitudes; Paraenses; Cearenses; Informantes topoestáticos e topodinâmicos.

ABSTRACT

This paper aims to disseminate and discuss part of the results from the thesis of Ferreira (2019), entitled *Beliefs and Linguistic Attitudes of People from Pará and Ceará in the Northeast of Pará: A Study on the Lowering of Pretonic Middle Vowels*, with regard to linguistic attitudes expressed by speakers from five localities in Pará – Brazil. This is a

ⁱ Doutor e mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Língua portuguesa e Teoria Literária pela Universidade da Amazônia. Graduado em Letra Português pela Universidade da Amazônia e em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri. Professor e Pesquisador da Universidade Federal Rural da Amazônia. Atualmente, está coordenador Curso de Letras Português Regular e Curso de Letras Português PARFOR/UFRA. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия, atuando principalmente nos seguintes temas: sociolinguística, variação linguística, fonética e fonologia, ensino e política linguística, crenças e atitudes linguísticas.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3052-3710> | ericqf2@gmail.com

ⁱⁱ Possui graduação em Letras Franco Portuguesas pela Universidade Estadual de Londrina (1969), mestrado em Letras Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1987) e doutorado em Letras Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1990). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Geolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: atlas linguístico, Brasil, estudos lexicais, Paraná e língua portuguesa. Pesquisadora PQ 1D do CNPq.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3052-3710> | vanderciagui@gmail.com

work resulting from field research which investigated both native speakers of the locality (topoestatic) and those from the State of Ceará (topodynamics). Data from three questions related to the beliefs and attitudes of speakers about their own speech variety and about the speech of the other one was considered for analysis. The results showed few differences in the attitudes of both groups, not indicating evident marks of prejudice or discredit in relation to local speech.

Keywords: Beliefs and attitudes; People from Pará; People from Ceará; Topostatic and topodynamic informants

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, têm-se intensificado, no Brasil, estudos linguísticos com abordagens sobre crenças e atitudes. Mesmo assim, o que tem sido realizado ainda é pouco diante do largo espectro de fenômenos variáveis já explorados pela Sociolinguística e Dialetoлогия que não foram analisados sob esse viés. Quando se compara essa situação ao que se tem feito no Pará, as possibilidades de estudos aumentam substancialmente, já que o estado carece de pesquisas que busquem explicar a atuação das crenças e atitudes na variação e mudança linguísticas.

Por outro lado, as contribuições dos estudos de crenças e atitudes para a compreensão de fenômenos linguísticos são evidenciadas por vários pesquisadores. Labov (2008), em estudo em Martha's Vineyard, atestou a influência desses fatores sobre a mudança/variação fonética ocorrida sobre o inglês falado naquela ilha. Moreno Fernández (1998) afirma que, dependendo das atitudes dos falantes/ouvintes, um processo de mudança linguística, por exemplo, pode ser acelerado ou retardado; uma língua pode ser escolhida no lugar de outra em determinado contexto; uma variedade linguística pode ser preferida em contexto mais formal, dentre outras atuações. Botassini (2015, p.105) também afirma que

estudos relacionados às crenças e atitudes linguísticas têm apontado pistas na compreensão de questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala. Também possibilitam “predizer” um dado comportamento linguístico.

Devido à série de importâncias atribuídas às atitudes linguísticas do falante, vários aspectos têm chamado atenção de pesquisadores nesse campo de estudos. Hora

(2012), com base em Backer (1992, p. 29), apresenta interesses de estudos de atitudes em relação: à variedade linguística, ao dialeto ou estilo de fala; à aprendizagem de uma nova língua; a uma língua minoritária específica; a grupos de línguas, comunidades e minorias; às lições de língua; a atitudes dos pais relativas à aprendizagem de língua; aos usos de uma língua específica ou à preferência linguística, entre outros.

Para o presente trabalho, a preocupação se voltou ao primeiro aspecto apresentado: a atitude em relação à variedade linguística, a um dialeto ou estilo de fala. O foco são as crenças e atitudes de paraenses e cearenses em relação ao próprio dialeto e ao do outro. Os resultados apresentados neste artigo são baseados na tese de Ferreira (2019), um dos autores deste texto, cujo objetivo foi investigar crenças e atitudes linguísticas de falantes residentes em cinco localidades da região nordeste do Pará, em relação às vogais médias pretônicas, com foco no fenômeno do abaixamento vocálico.

O artigo está assim organizado: a primeira seção mostra a fundamentação teórica, iniciando com Thun (1998), prosseguindo com os autores canadenses Lambert e Lambert (1972), revisitando Moreno Fernández (1998) e complementando com alguns princípios defendidos por autores nacionais, como Hora (2010), Freitag et al (2016) e Aguilera (2008); a segunda seção traz a metodologia que contempla, além do método utilizado para a coleta de dados, a rede de pontos, os informantes, o instrumento aplicado *in loco*, a composição do *corpus* para o desenvolvimento da análise do material coletado; a terceira seção expõe a análise das respostas dadas a três questões selecionadas para este artigo; por último, seguem-se as conclusões sugeridas pelos dados analisados.

DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL, ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS

A contribuição da Dialetoologia Pluridimensional para este trabalho diz respeito às ideias de Thun (1998) no que se refere: (a) à implementação de parâmetros que contemplem, além do espaço, a classe social, o sexo, e a idade; e (b) às mudanças observadas na sociedade. Considera o autor que, no mundo atual, há certa dificuldade para encontrar o tipo tradicional de indivíduo fixo, sem mobilidade geográfica. Segundo Thun (1998, p. 372), “Il est pourtant évident qu’aucun atlas linguistique qui se veut

répresentatif de toute une société et non seulement d'un segment écarté de la vie moderne, doit tenir compte de la mobilité".¹

Quanto aos conceitos de crenças e atitudes, eles estão associados aos estudos no campo da Psicologia Social. Por essa razão, as definições para os termos “crença” e “atitude” relacionam-se a um objeto social e não especificamente à língua. Para os psicólogos sociais Wallace e William Lambert (1972), as crenças são parte dos componentes de atitudes e contributos da formação delas. Os autores definem atitudes como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Nesse sentido, continuam os psicólogos, as atitudes podem desempenhar o papel de moldar, determinar nosso comportamento, “[...] afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83). Com base nesse pressuposto, Rodrigues (1972), apoiado em Triandis (1971), afirma que “[...] as atitudes envolvem o que as pessoas pensam, sentem, e como elas gostariam de se comportar em relação a um objeto atitudinal” (p. 349). Assim, é possível compreender que o comportamento social está bastante inter-relacionado com as atitudes frente a um objeto social.

No caso de esse objeto social ser a linguagem, os sociolinguistas concebem a atitude linguística como “[...] uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179). Este sociolinguista afirma ainda que, nessa noção de língua, inclui-se qualquer tipo de variedade linguística, fenômeno linguístico, comportamento linguístico, determinados usos etc. No entanto, vale lembrar um aspecto importante que diz respeito ao entendimento de atitudes linguísticas como reflexos de atitudes psicossociais. Nessa perspectiva, torna-se difícil delimitar a distinção entre atitude em relação a uma variedade e atitude em relação ao grupo social/usuário que utiliza essa variedade (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

De acordo com Lambert e Lambert (1972), as atitudes são formadas por, pelo menos, três componentes integrados e essenciais: cognitivo, afetivo e comportamental. Continuam os autores:

Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78)

O componente cognitivo refere-se às crenças e ao pensamento; o afetivo, aos sentimentos, aos valores atribuídos a determinado objeto social; e o componente comportamental refere-se à conduta social perante um objeto. Freitag et al (2019) explicam a aplicação dos componentes de atitudes em termos sociolinguísticos, em que:

[...] a dimensão comportamental corresponde à produção: como o falante efetivamente fala, a frequência de recorrência de uma dada variante em uma comunidade; as dimensões cognitiva e afetiva correspondem à percepção. Como o falante acha que fala ou acha que deve falar (cognitivo) é a manifestação verbalizada, sem reações afetivas, acerca da sua crença sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade. Como o falante julga aqueles que falam de determinado jeito (afetivo) é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto em questão. (FREITAG et al, 2016, p. 66)

Com base nessa composição triádica da atitude, Aguilera (2008) afirma que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística. Como as pessoas falam; como gostariam de falar; o que elas pensam sobre a fala delas e de outras pessoas; que valores atribuem a determinadas variedades, entre outras questões, associam-se a esses três componentes de atitudes a partir dos quais podemos deduzir as atitudes dos falantes.

Hora (2012) apresenta três possibilidades de pesquisas voltadas à atitude linguística: (a) análise de conteúdo, que envolve métodos etnográficos, observacionais, e também a observação participante e estudos de muitas fontes do domínio público, como documentos oficiais, propagandas, entre outros; (b) abordagem direta, que consiste em perguntar diretamente aos informantes sobre suas atitudes em relação a uma língua, fenômeno linguístico, variedade, entre outros aspectos; e (c) abordagem indireta, que consiste na mensuração de atitudes por meio de técnicas cujo fenômeno linguístico, ou língua, não fica em evidência diretamente, levando os informantes juízes a se

posicionarem sobre outro aspecto, geralmente relacionado à personalidade de um possível falante. Uma das técnicas mais conhecidas é a *matched guise test*, de Lambert e Lambert (1972). No presente trabalho, apresentam-se alguns resultados oriundos da aplicação da técnica de medição direta (FERREIRA, 2019).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, que se desenvolveu e resultou neste trabalho, orientou-se pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística laboviana (LABOV, [1972] 2008); dos estudos de Crenças e Atitudes (LAMBERT; LAMBERT, 1972; LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998), bem como da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998).

O trabalho de campo foi desenvolvido no nordeste do Pará que, historicamente, tem sua ocupação associada às incursões portuguesas ao longo dos cursos dos rios Caeté, Guamá, Capim e Acará, a partir das quais foram formadas as primeiras cidades, para a constituição do “Novo Mundo”. Outro processo histórico, que também contribuiu para a ocupação, ocorreu nas décadas de 1950 e 1960 estendendo-se às décadas de 1970 e 1980 e decorreu dos grandes projetos de integração nacional, dentre os quais a construção das rodovias BR-010 (Belém-Brasília), BR-316 (Pará-Maranhão) e BR-222 (que liga a BR-010 à Marabá). Nesse segundo processo histórico, o fluxo migratório foi mais intenso, registrando-se a chegada de sequentes levas de nordestinos, sobretudo oriundos do Ceará, para essas terras paraenses. Esses nordestinos, em sua grande maioria agricultores, contribuíram para a construção da identidade étnica da região, ao lado de indígenas, negros e portugueses (CORDEIRO et al, 2017).

Com base nas informações históricas, compôs-se a rede de pontos e, para a escolha dos pontos de inquéritos, seguiram-se as orientações propostas por Ferreira e Cardoso (1994), segundo as quais a escolha de uma localidade deve ocorrer em função:

[...] da sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas. (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 89)

A partir desses pressupostos, de modo a delimitar o campo de trabalho, estabeleceram-se dois critérios para escolha de localidades a estudar: (a) localização geográfica; e (b) história da criação e ocupação. Assim, foram selecionadas localidades povoadas em decorrência da abertura das Rodovias Federais, principalmente a BR-10, cujas sedes estivessem localizadas às margens dessa rodovia, e aquelas historicamente formadas sob a influência da cultura nordestina.

A Tabela 1 traz sinteticamente dados demográficos, históricos e geográficos das localidades investigadas.

Tabela 1 – População, ano de fundação e extensão territorial das localidades investigadas.

Pontos de Inquéritos	Localidades	Ano de Fundação	População Atual	Extensão territorial
Ponto 1	Santa Maria do Pará	1961	23.026	457,72 km ²
Ponto 2	São Miguel do Guamá	1961	51.567	1.110 km ²
Ponto 3	Mãe do Rio	1988	27.084	469,5 km ²
Ponto 4	Aurora do Pará	1991	26, 546	1.811,84 km ²
Ponto 5	Ipixuna do Pará	1991	51.309	5.215,55 km ²

Fonte: Dados do *corpus* constituído por Ferreira (2019).

Uma vez estabelecida a rede de pontos, definiu-se o número e perfil dos entrevistados, cujo universo compõe-se de 40 informantes. Em cada localidade, foram selecionados quatro homens e quatro mulheres, distribuídos segundo o local de nascimento, dos quais dez representam o grupo de informantes topodinâmicos (um homem e uma mulher de 50 a 65 anos) e trinta, o grupo dos topoestáticos (dois homens e duas mulheres de 18 a 35 anos e um homem e uma mulher de 50 a 65 anos).

Foram considerados como critérios, no caso dos informantes topoestáticos: a) ter nascido no município; e b) ser filho de pais nascidos na região. Em relação aos informantes topodinâmicos: a) ser cearense de nascimento; b) ter residido metade de sua vida no seu estado de origem; e c) estar residindo no Pará há mais de 10 anos. Todos os informantes deveriam ter boas condições de saúde e fonação, além de ter disponibilidade para as entrevistas. A Figura 1, a seguir, apresenta os códigos utilizados para identificação dos informantes.

Figura 1 – Códigos de identificação dos informantes.

P	Código do Idioma - Português	
1/2/3/4/5	Código da localidade (1 – Santa Maria do Pará, 2 – São Miguel do Guamá, 3 – Mãe do Rio, 4 – Aurora do Pará, 5 – Ipixuna do Pará)	
A/B	Código dos grupos etários (A – Faixa I/ B – Faixa II)	
F/M	Código para sexo (F – feminino / M – masculino)	
D/E	Código para procedência (D - Topodinâmico/ E - Topoestático)	
01... 40	Código do número do informante (01, 02...40)	

Fonte: Dados do *corpus* constituído por Ferreira (2019).

Outro item fundamental em uma pesquisa de campo é o instrumento de coleta de dados e, para tal, constituiu-se um questionário, de cunho qualitativo, adaptado de Bisinoto (2000) e Botassini (2013), cujo objetivo foi perguntar diretamente aos informantes sobre o que pensam da língua, das variedades, de sua própria fala e da fala de outras pessoas, dentre outras. Ao todo são 23 questões por meio das quais procurou-se inferir as crenças e atitudes dos informantes.

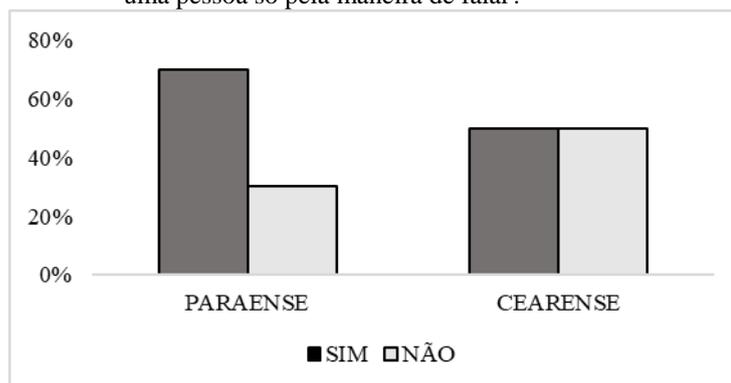
Uma vez composto e testado o questionário, procedeu-se ao trabalho *in loco*, entrevistando os quarenta informantes que responderam a 23 questões abertas, ou discursivas, sobre atitudes linguísticas, totalizando 1.080 respostas. Com base nas respostas dadas, procedeu-se à transcrição dos áudios e às categorizações, de forma a selecionar e agrupar respostas de mesmo conteúdo, para posterior quantificação, análise e interpretação. Na análise, os grupos de falantes topoestáticos e topodinâmicos foram tratados separadamente e algumas questões foram agrupadas por tratarem de conteúdos semelhantes ou complementares.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para este estudo, foram selecionadas três das 23 questões cujas respostas puderam apontar para as atitudes do falante em relação à fala do outro: (a) Você consegue identificar de onde veio uma pessoa apenas pela maneira de falar? Poderia comentar? (b) Aqui na sua cidade há pessoas que falam diferente? Você poderia citar um exemplo de como falam essas pessoas que falam diferente? e (c) Como você acha que falam as pessoas daqui?

A questão “Você consegue identificar de onde veio uma pessoa apenas pela maneira de falar?” objetivou verificar como paraenses e cearenses percebem a forma de falar do outro e se conseguem relacioná-la à origem do falante. Quando a resposta era positiva, solicitava-se que se comentassem sobre o assunto. O Gráfico 1 apresenta os resultados.

Gráfico 1 – Percentual das respostas dadas à pergunta “Você consegue identificar de onde veio uma pessoa só pela maneira de falar?”



Fonte: Dados do *corpus* constituído por Ferreira (2019).

De acordo com o Gráfico 1, para a pergunta “Você consegue identificar de onde veio uma pessoa só pela maneira de falar?”, 70% dos paraenses responderam “Sim” e 30% responderam “Não”; entre os cearenses, os resultados foram 50% para “Sim” e 50% para “Não”.

A identificação de uma variedade associada à origem do falante está relacionada à percepção dos informantes sobre as diferenças que existem entre sua forma de falar e a de outras pessoas. Neste caso, os autóctones (paraenses topoestáticos) foram mais sensíveis às diferenças que os alóctones (cearenses topodinâmicos), fato que envolve a consciência e o saber linguísticos, bem como os discursos que se têm sobre a língua (FREITAG et al, 2016). Entretanto, é sabido que nem todos os informantes têm essa consciência aflorada. No caso dos paraenses, por exemplo, uma parte, mesmo afirmando positivamente sobre a possibilidade de reconhecer a origem de alguém pela fala, não apresentou exemplos em suas respostas, não foi capaz de tecer qualquer comentário, mesmo quando instado pelo pesquisador. Ressalta-se que esta solicitação ocorreu como forma de ampliação da pergunta em análise. Sempre que os informantes declaravam conseguir identificar a origem do falante, pela fala, pedia-se que dissessem como o fariam.

Nota-se que os informantes percebem diferenças, mas não conseguem especificar em que nível ou níveis da fala se operam essas diferenças: fonéticas, prosódicas, lexicais ou morfossintáticas; o que seria cabível para um linguista, um dialetólogo, um sociolinguista, ou mesmo para um leigo que tivesse bom ouvido e percepção, mas não para um leigo em estudos da linguagem.

Um ponto que se pode destacar é o reconhecimento da diversidade linguística na região. Ao responderem “Sim”, os informantes evidenciam, no nível do componente cognitivo, o conhecimento e o saber que têm sobre a língua e suas variedades. O fato de ser natural da localidade e não ter se afastado dela por muito tempo aponta para a maior possibilidade de identificar aquilo que destoa da norma vigente, ou seja, aquilo que os ouvidos registram cotidianamente e parece facilitar o reconhecimento do diferente.

Os exemplos a seguir referem-se a características do “sotaque”², elemento mais citado pelos informantes devido à associação que fazem a partir da percepção das diferenças na fala do outro (FREITAG *et al*, 2016). Por isso, o sotaque é mais acionado pelo falante comum na identificação de variedades. De acordo com Freitag *et al* (2016, p. 72), “a partir da percepção de sotaque, um falante pode ser indexado por outro a uma determinada região ou origem geográfica, ou então a determinado segmento social, como nível de escolarização, por exemplo”.

Nos excertos 1, 2 e 3 a seguir, pode-se compreender como esse mecanismo funciona:

(1) Sim [como?], por exemplo, o sotaque de alguém do Ceará ou de alguém do interior, tipo Santana, ou São Domingos que é **mais puxado o sotaque** (P4AFE03³).

(2) Sim...pelo **Ceará** a gente conhece *pelo acho que é o r* se eu não me engano...*Belém pelo s...* **pelo puxado do s...** não em todas as regiões, mas em algumas (P5AME21).

(3) Algum... alguns... alguns a gente consegue porque tem um uns istado que tem uns que **arrasto** mermo a fala, **pernambucano, cearense, paraibano**, aí dá pa saber, mas alguns é. Os jove hoje já são tudo mais moderno, já num tem muito sutaqui não pode vê né? os menino que são já tem mais estudo... uma cutura milhó. Esse **sutaque** se darra (dava) mais daqueles pessoal mais antigo que já estudaram poco né? aí essas. (P1BMD38)

Nos depoimentos 1, 2 e 3, verifica-se a prevalência do componente cognitivo, relacionado à maneira como esses informantes julgam ser a forma de falar de pessoas vindas de outros lugares. Embora em suas respostas não se percebam julgamentos explícitos, ao fazerem uso de termos como “puxado” ou “arrastado”, os paraenses

revelam não somente suas crenças sobre os padrões linguísticos, mas também suas reações afetivas, seus julgamentos sobre a forma de falar do outro, tendendo a se posicionarem negativamente. No excerto 3, o falante, além de identificar alguns estados do Nordeste em que há diferenças mais perceptíveis como falar “arrastado”, é capaz de perceber diferenças diageracionais e sociais devido à maior exposição dos jovens aos meios de comunicação e ao maior acesso aos bens culturais.

Dos cearenses, apenas um, dos que afirmaram identificar a origem do falante pela fala, apresentou como exemplos elementos do léxico, ou seja, expressões identificadas com o nordestino. O informante tem consciência das diferenças, sobretudo léxicas, como se verifica em 4, e cita “macho”, “massa” e “trem” como sendo expressões típicas, respectivamente, do Ceará, da Bahia e de Minas Gerais.

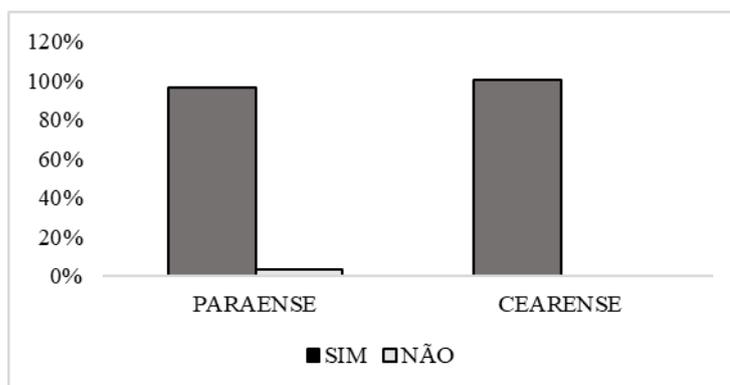
(4) Relativamente, sim. Dá pra ver o sotaque dela, algumas palavras que:: numa região se fala de um jeito e noutra região se fala de outro jeito, mas tem o mesmo significado, por exemplo: **lá do Ciará "onde tu vai, macho"...** Hehe já se sabe que é do Ciará, "MACHU". Já sabe que é do Ciará. **Lá na Bahia, é massa, você é massa,** já sabe que você é baiano. As expressões que:: **Me dá um trem desse.** Já sabe que é **mineiro**, né? Por exemplo, se disser **trem** já sabe que é **mineiro** né? (P3BMD29)

No geral, os paraenses apresentaram mais evidências de que conseguem identificar a origem dos falantes pela fala. Para eles, o sotaque paraense, de modo geral, é “puxado” e o nordestino, de modo geral, é “arrastado”. Esses adjetivos (“puxado” e “arrastado”), embora não se revistam de carga negativa explícita, mostram a tendência a uma reação de desprestígio ao dialeto de quem não é natural da localidade. Por outro lado, o cearense, no exemplo 4, não apresentou evidências de avaliação em sua fala, mas demonstrou conhecer alguns aspectos linguísticos que caracterizam as pessoas procedentes de seu estado natal e de outras regiões do Brasil.

Sobre a segunda questão selecionada para análise – “Aqui na sua cidade há pessoas que falam diferente? Você poderia citar um exemplo de como falam essas pessoas que falam diferente?” – o objetivo foi avaliar como os informantes percebiam sua realidade linguística, se eram capazes de perceber a fala do outro a partir da sua própria fala, e se conseguiam identificar elementos diferentes nos dialetos. 100% dos cearenses e 97% dos paraenses confirmaram a existência de pessoas que falam diferente em sua região, dado que aponta para uma forte consciência da diversidade linguística.

Verifica-se, portanto, a manifestação das crenças (componente cognitivo) desses informantes sobre a variedade linguística. O Gráfico 2 mostra os resultados.

Gráfico 2 – Percentual das respostas dadas à pergunta “Aqui na sua cidade há pessoas que falam diferente?”



Fonte: Dados do *corpus* constituído por Ferreira (2019).

Ao citarem exemplos de pessoas que falam diferente, a maioria dos paraenses e cearenses restringiu-se a apontar gentílicos, sem exemplificar a maneira de falar, citando paulistas, pernambucanos, cearenses, belenenses, baianos, paraibanos, maranhenses, mineiros, piauienses, cuiabanos, ou nome genérico, como nordestinos. Os exemplos 5 e 6 foram dados pelos informantes topoestáticos e mostram a percepção e a avaliação do paraense em relação ao cearense, ao belenense e ao capimense:

(5) Oié... oié... (quem fala assim?) os **cearenses** né?... a **fala puxa** mais assim... ou... ou é (risos) (P4AFE01).⁴

(6) De Belém, por exemplo, eles **falam muito chiado**... maii♦... doii♦, já lá de São Domingos também, os meninos falam muito **puxando o s**. (P4AFE03)

Como se observa em 5 e 6, há uma percepção da diferença na fala do outro, mas não na variedade dos naturais da localidade e o que fica mais evidente é a palatalização do /s/ em coda silábica externa.

No exemplo 7, por outro lado, têm-se evidências da avaliação do cearense em relação a dialetos nordestinos.

(7) O pernambucano, tem o **sotaque** dele que é **bem difícil de imitar** porque, como diz a história, é a cultura né? Fica difícil a gente fazer essa imitação...e quando a gente tá no meio deles, a gente sente a diferença... mas eu não consigo fazer a imitação que eles fazem, né? Eles... sempre eles **falam na**

ponta da língua... quando eles vão falar uma palavra **cortam o acento** sempre... **eles cortam pela metade** e a gente vê que que sai um sotaque diferente, mas eu não consigo fazer. O paraibano também... nem todos. É o do sertão, acredito. A minha esposa veio da Paraíba e ela não tem um sotaque... mas tem gente que vem de lá aqui... domingo mesmo recebi visita da família dela é um **bocado complicado** pra gente entender... sim e porque eles, eles têm a cultura bem misturada com índio, né?... eles **embaraçam a voz**. A gente não consegue entender. É preciso a gente ter um bom conhecimento com eles pra saber... o que eles tão dizendo, que::: entre eles, eles têm um sotaque bem diferente, mas quando eles tão entre nós, eles se esforça, mas quando eles vão se esforçar... aí eles se **atrapalham**, não sai nada... hahaha. (P5BMD26)

No excerto 7, o informante 26 – cearense, homem da 2ª faixa etária – revela-se um observador atento das diferenças: é capaz de identificar a fala do pernambucano, mas sente dificuldade em imitar o dialeto; nota que reduzem as palavras, mas que se esforçam para falar de forma mais clara. Também tem consciência de que a convivência gradativa com os paraibanos facilita a comunicação entre ele, cearense, e os parentes da esposa que são da Paraíba. Ressalta-se que a convivência com a esposa filtrou as diferenças linguísticas, tanto que ele afirma: “a minha esposa veio da Paraíba e ela não tem um *sotaque*”.

Nos exemplos 5, 6 e 7, cinco adjetivos são referidos com características estereotipadas, geralmente associadas ao sotaque. São elas: o “puxado” do falar cearense, o “chiado” e o “puxado” do /s/ do belenense e do capimense, o “sotaque complicado, falado na ponta da língua” do Pernambucano, e o “sotaque misturado e complicado” do paraibano.

De acordo com Labov (2008), os estereótipos são “formas socialmente marcadas, rotuladas, enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008, p. 360). Assim, por meio das manifestações estereotipadas, pode-se depreender as crenças e os valores que se associam às variedades/dialetos citados, manifestados pelos componentes cognitivos e afetivos de atitudes, os quais sugerem uma tendência de reação negativa (componente comportamental ou conativo), como ocorreu no excerto 5, no qual o informante acha graça das características do dialeto cearense.

A manifestação de atitude linguística negativa é influenciada pelas crenças e valores associados aos dialetos pelos próprios informantes. A forma pela qual eles percebem as diferenças, como eles as identificam em relação à sua fala, como eles as

avaliam a partir de seus conhecimentos e do valor social que esses dialetos possuem, tudo isso reflete em suas atitudes.

Moreno Fernández (1998) explica que, quando um falante se depara com uma variedade diferente da que possui, sua atitude pode ser de aprovação/valorização ou de reprovação/rejeição. A valorização pressupõe prestígio linguístico; a reprovação, por seu turno, desprestígio.

Dessa forma, verificou-se que as atitudes manifestadas por paraenses da área pesquisada, em relação às diferenças encontradas na região, foram negativas para os dialetos de Belém e de São Domingos do Capim. No caso do informante cearense (excerto 07), por sua vez, verificou-se uma atitude negativa em relação aos dialetos pernambucano e paraibano.

Calvet (2002) destaca que as atitudes têm consequências no comportamento linguístico, dentre os quais destaca a forma como falantes reagem à fala dos outros. O autor afirma que a consequência para esse comportamento é que as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar, como ocorreu nos exemplos 5, 6 e 7.

A terceira questão – “Como você acha que falam as pessoas daqui?” – buscava verificar como os informantes de cada localidade (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará), entre paraenses (topoestáticos) e cearenses (topodinâmicos), percebem a maneira como se fala na localidade. Os dados são apresentados em dois quadros, iniciando pelas características da fala local apontadas pelos paraenses conforme consta do Quadro 1.

Quadro 1 – Características atribuídas pelo paraense à fala local.

Características para a fala local	Paraense
Normal (explicado)	13
Chiando/ puxado no s/ chiado arrastado/ Puxa pouco o /s/	6
Correto/certo/explicado/direito	4
Sem chiado	3
Bonita	3
Simple	2
Aparência de cearense/mais nordestina	2
Não fala pra dentro	1
Arrastado	1
Fala pouco português sem inventar	1

Sotaque capimense	1
Misturado	1
Mana, só mana	1
Acabocado	1
Depende do nível de escolaridade	1
Não sei explicar/sem característica/ sem sotaque	4

Fonte: Dados do *corpus* constituído por Ferreira (2019).

Com base nas informações do Quadro 1, observa-se uma frequência maior de atributos positivos ao dialeto paraense, indicando que o modo de falar local é bem avaliado pela maioria dos informantes autóctones. “Normal” foi a característica mais citada. Compreende-se que, para os informantes que assim o consideraram, o modo de falar do paraense seja a referência, considerando as outras formas de falar como “diferente”. Essa forma de posicionamento, que é de atitude de aceitação, principalmente por parte dos informantes paraenses (topoestáticos), influencia na forma como percebem e avaliam a fala dos outros (CALVET, 2002). Os excertos 8, 9, 10 e 11 indicam a atitude positiva de paraenses em relação à própria fala.

(8) eu acho que a forma mais... no meu visto daqui é que... alguns, eles falam uma **forma mais bonita do português...** é... **mais certinho**, alguns... e o que característica que **nem tanto puxa o /s/ nem fala pra dentro... e nem fala arrastado**, fala de uma forma mais **normal** (P1AME32).

(9) **normal**...eu acho que **fala normal**... fala **bonito** [o que é falar normal] fala *normal*... não fala... nem **chia** nem tem diferença dos outros... que nem cearenses... pernambucano (P4AME20).

(10) Não... **normal**...acho que tem quase a **aparência de... de ciarense...** do Pará. (INF.P3AME28).

(11) Não... **falam normal**. **Normal** é. (o que seria falar normal?) falar **normal** é tentar **falar mais explicado**, né? Como eu falei, os jove já fala mais por tê a cultura melhor, né? Já explica alguma coisa melhor por exemplo um... eu que estudei mais pouco alguma coisa no cerular eu não sei muito, aí às vez o pessoal ajuda... as mia filha mermo ela explica assim e tal. (INF. P1AME38)

No exemplo 8, o informante paraense, ao mesmo tempo em que qualifica positivamente seu dialeto como “fala normal, bonita, certinha”, contrasta-o com características observadas em outros dialetos, as quais, possivelmente, considera negativas, que são o “puxado” do /s/, a “fala pra dentro” e o “arrastado”. Tais características foram atribuídas por este informante à forma de falar do belenense e do

cearense. As mesmas atitudes podem ser inferidas nos discursos dos informantes dos exemplos 9, 10 e 11.

Calvet (2002) alerta para a questão do comportamento de falantes frente a sua fala e à fala de outros. De acordo com ele, a ideia de uma norma, uma forma melhor, mais correta entre outras classificações, dentre algumas consequências, pode levar o falante a se comportar de maneira a valorizar ou rejeitar sua maneira de falar. Em caso de valorização, a tendência é o falante acentuar as características de sua fala; em caso inverso, procurará modificá-la, a fim de acomodá-la o mais próximo possível da *norma linguística* que considera de maior prestígio.

A norma linguística considerada pelo grupo de falantes é sempre a referência. Ao considerar sua fala normal, o falante toma-a como parâmetro em relação a outros falares, considerados diferentes. Essa postura pressupõe que a fala da região, em cada localidade investigada, com a qual os informantes se identificam, possui certo prestígio social frente às demais. Silva e Aguilera (2014, p.708) afirmam que “[...] a partir do momento em que o indivíduo se posiciona positiva ou negativamente diante de uma variedade, ele se reveste de uma identidade que o diferencia de um grupo, etnia ou povo”. Um dos elementos identificadores, segundo o informante do exemplo 12, que é paraense, de São Miguel do Guamá, é a palatalização do /s/. Essa mesma percepção é feita pelo informante do exemplo 13, que é cearense, em relação à forma como falam os mãe-rienses.

(12) A gente dá uma **puxadinha**... tipo arroi[ʃ]... o[ʃ] pessual quando a gente chega pra falar arroi[ʃ], até mesmo lá em Rondon os pessual já malham a gente né...? A gente dá **uma puxada no /s/** (P2AME11).

(13) Eu acho que o mãe-riense mesmo, que é o paraense mesmo, consequentemente, não é? chama trê[ʃ], sei[ʃ], doi[ʃ]...né? acho que esse aí é **a parte que identifica o mãe-riense**, o paraense, né? **Pelo chiado** na na na pronúncia (P3AMD29)

Pelos comentários expressos em 12 e 13, verifica-se que tanto o informante topoestático (excerto 12) quanto o topodinâmico (excerto 13) têm consciência da palatalização que caracteriza a fala de boa parte dos paraenses e a concebem como “normal”. O informante 12 reconhece que, em outras localidades, inclusive em Rondon, a forma é estigmatizada: “já malham a gente”.

Conforme atestam os comentários, para a maioria dos cearenses, a forma de falar do paraense das localidades analisadas é identificada por meio das características “chiada”, “normal”, “correta”, “arrastada”, “puxada”. Ao opinar sobre a forma como falam os paraenses, os cearenses revelam o conhecimento da variedade linguística local a partir da pronúncia do /s/ palatalizado que, para eles, soa “chiado”, “arrastado” e “puxado”, embora considerem essa variedade como “normal e correta”, o que permite inferir uma atitude positiva dos alóctones diante da fala dos autóctones. O Quadro 2 sintetiza as características atribuídas pelos cearenses à fala observada nas localidades paraenses para onde migraram.

Quadro 2 – Características atribuídas pelo cearense à fala local.

Características da fala local	Cearense
Chiando/ puxado no s/ chiado arrastado/ Puxa pouco o /s/	4
Normal (explicado)	3
Correto/certo/explicado/direito	2
Arrastado	2
Aparência de cearense/mais nordestina	1
Sem chiado	1
Não sei explicar/sem característica/ sem sotaque	1

Fonte: Dados do *corpus* constituído por Ferreira (2019).

O excerto 14, extraído da fala do informante 26, homem, da faixa 2, permite verificar que o cearense, ao se referir ao modo de falar local, se inclui como falante do dialeto paraense, demonstrando sua integração ao grupo local. Isto pode ser inferido a partir de marcas linguísticas como o uso do “nosso”, “nós” e o “a gente” inclusivos.

(14) as pessoas daqui mesmo, né? pois é, porque as... ..porque **nós** aqui, **nossa** cultura... como se diz::: **paraense fala bem... belenense**, né? que estamos bem próximo de Belém... **nós** temos o **arrastado**, né? **arrasta, puxa muito, chia** ...como se diz ... **tem o chiado**... eu vejo sempre isso... é uma **diferença... uma diferença muito grande**. Quando a gente chega daqui que vai pro Centro Oeste que eu tenho família lá, eles nota **a diferença na gente, no sotaque da gente** que tem **muito chiado**... **a gente** que tá aqui no meio não percebe, quando **a gente** sai, **a gente** vê que os outros percebem na **gente** (P5BMD26).

Trata-se de uma tendência para mudar a identidade. Ao assumir uma identidade linguística diferente da sua, o cearense demonstra deslealdade em relação ao seu dialeto,

enquanto atribui prestígio ao dialeto local que deve ser imitado. Seus argumentos levam a crer que se trata de uma forma de se adequar ao grupo e ser aceito por ele. Moreno Fernández (1998) trata da noção de prestígio como um processo de concessão, por meio do qual o indivíduo busca imitar os grupos prestigiados. Outro cearense, o do exemplo 15, deixa subtendida essa questão ao tratar de costume, afirmando ter seu dialeto modificado, não se enquadrando, porém, nos estereótipos dos dialetos.

(15) É:: isso fica meio complicado, porque as pessoas convivendo com tanta gente diferenciada, de tantos lugares diferentes acaba *se acostumando* às vezes *ao costume do outro*, aí a gente pensa que é... digamos como eu acabei de dizer, muitas pessoas dizem que eu **não tenho mais nada de sotaque de ciarense**... pensa que eu sou paraense, mas eu vim pra cá com dezesseis anos. *Eu não falo chiado como paraense, também não falo como o ciarense, apesar de ser ciarense*. Eu não tenho esses costumes [...] (Inf. P3AMD29)

Ressalta-se também, como se verificou, que a associação da fala local a diferentes traços revela a dificuldade que os informantes têm de conseguir definir um traço específico, justamente por ser uma fala cuja característica é possuir traços de outros falares. Embora o dialeto local possua certo prestígio, os mesmos informantes, cerca de 82% deles (entre paraenses e cearenses), afirmaram ser difícil identificar um falante da localidade pelo dialeto. Um dos motivos é a mistura de características de diferentes dialetos. Isso revela que os informantes, mesmo possuindo consciência da diversidade linguística presente na região, acreditam que essa diversidade tende a um ponto comum, causa da dificuldade de identificarem os falantes locais pela sua variedade, considerada “misturada/parecida” e “normal”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, propôs-se uma análise das atitudes de falantes a partir da observação de dois grupos: trinta informantes naturais de cada uma das cinco localidades paraenses pesquisadas (denominados topoestáticos) e dez informantes procedentes de localidades cearenses, mas que moram há mais de dez anos no interior do Pará (denominados topodinâmicos). Foram selecionadas três perguntas de um questionário mais amplo, visando a verificar em cada um dos grupos a consciência e a atitude linguística sobre a fala local e a fala de outras localidades. Os dados indicaram

que: (a) a grande maioria dos paraenses (70%) afirma identificar a procedência de uma pessoa apenas pelo modo de falar, ou seja, pela variedade ou dialeto do outro, enquanto apenas a metade dos cearenses entrevistados tem essa percepção; (b) ambos os grupos reconhecem de forma categórica que, na cidade em que moram, há falantes de outras variedades, os que falam “diferente”. Alguns dos inquiridos sabem reconhecer qual ou quais fato(s) aponta(m) para essas diferenças, identificadas como sotaque; (c) quanto instados a descrever como é a fala dos moradores locais, os adjetivos “normal”, “correto” e “chiado” foram atribuídos tanto pelos autóctones como pelos alóctones, não apresentando indícios de desprestígio em relação à fala local ou à existência de algum preconceito linguístico entre os grupos; e (d) o fato fonético mais saliente para ambos os grupos é a palatalização do /s/ em coda silábica, que tem pouca frequência nas localidades pesquisadas, mas se sobressai na capital Belém.

O *corpus* construído para a tese que subsidiou este trabalho permite outras abordagens fundamentadas na Dialetoologia Pluridimensional, principalmente quanto às diferenças que possam ser observadas quanto às variáveis sexo e faixa etária. Além disso, considerando que foram analisadas neste texto apenas três das 23 questões que compõem o instrumento de coleta de dados, com foco no contraponto entre falantes topoestáticos e topodinâmicos, acredita-se que o material disponível e não utilizado possa se constituir em produtiva fonte para outras reflexões sobre atitudes linguísticas.

Referências

AGUILERA, Vanderci. Crenças e Atitudes linguísticas: o que dizem falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, 37 (2): 105-112, maio-ago. 2008.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2003.

CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra. Nordeste do Pará: configurações atuais e aspectos identitários. In: CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra et al (Org.). *Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias*. Belém: UFRA, 2017. p. 19-58.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Jany Éric Queirós. *Crenças e atitudes linguísticas de paraenses e cearenses na região nordeste do Pará: um estudo sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas*. 2019. 231 fls. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira; "Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe", p. 109-122 . In: *A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016.

LAMBERT, W. W; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução: Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Princípios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona, Ariel, 1998.

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1972.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e siècle. In: ENGLEBERT Annick; PIERARD, Michel; ROSIER, Laurence; RAEMDONCK, Dan Van (eds.) *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. vol. III. Bruxelles: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 367-388.

Recebido em: 16/01/2021

Aceito em: 31/03/2021

ⁱ Thun (1988, p. 372): “é evidente que qualquer atlas linguístico que pretenda ser representativo de toda uma sociedade e não somente de um dado segmento isolado da vida moderna deve considerar a mobilidade social (Tradução nossa)”.

ⁱⁱ Entende-se *sotaque*, neste estudo, como *pronúncia característica de um indivíduo, de uma região, etc* (FERREIRA, 2004).

ⁱⁱⁱ Conforme o código estabelecido, nesses exemplos, verifica-se que todos são falantes do Português; no exemplo 1, o numeral 4 refere-se à Aurora do Pará; a letra A é da Faixa etária I; a letra F= feminina; a letra E=topoestático, isto é, natural do Pará. No exemplo 2: de Ipixuna do Pará, da Faixa I, masculino, topoestático. No excerto 3: Santa Maria do Pará, Faixa II, masculino e topodinâmico (natural do Ceará). Os últimos algarismos representam o número atribuído ao informante dentro do universo dos 40 entrevistados. De forma a marcar algumas realizações fonéticas, foram utilizados símbolos fonéticos para proporcionar melhor compreensão do som ao qual se refere dado informante.

^{iv} As falas entre parênteses referem-se às indagações ou gatilhos do entrevistador para tentar fazer o informante fornecer informações mais completas, ou para compreender melhor suas respostas.